

Richard Romancini

Universidade de São Paulo –
USP
Email:
richardromancini@usp.br

Ana Júlia Gennari

Universidade de São Paulo –
USP
Email:
anajuliagennari@gmail.com



Este trabalho está licenciado sob
uma licença [Creative Commons
Attribution 4.0 International
License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Copyright (©):

Aos autores pertence o direito
exclusivo de utilização ou
reprodução

ISSN: 2175-8689

O populismo de direita e a comunicação

*Right-wing populism and
communication*

*El populismo de derecha y la
comunicación*

Romancini, R., & Gennari, A. J. O populismo de direita e a
comunicação. *Revista Eco-Pós*, 26(01), 31–55.
<https://doi.org/10.29146/eco-ps.v26i01.28016>

RESUMO

O artigo apresenta definições e entendimentos que o campo acadêmico tem produzido sobre o populismo, de modo a evidenciar diferenciações entre o populismo de esquerda e o de direita — enfatizando questões relacionadas ao último — e apontar articulações entre o populismo e a comunicação, debatidas em tempos recentes. Concluindo o trabalho, discute-se a necessidade de utilizar o enquadramento exposto de maneira reflexiva e contextual, com observações sobre os casos de Donald Trump e Jair Bolsonaro.

PALAVRAS-CHAVE: *Populismo; Comunicação; Direita; Trump; Bolsonaro.*

ABSTRACT

The article gives scholarly definitions and understandings of populism in order to emphasize distinctions between left-wing and right-wing populism — with an emphasis on issues linked to the latter — and to highlight recently discussed articulations between populism and communication. The necessity of using the exposed framework in a reflective and contextual manner is highlighted at the conclusion of the paper, along with remarks on the cases of Donald Trump and Jair Bolsonaro.

KEYWORDS: *Populism; Communication; Right-wing; Trump; Bolsonaro.*

RESUMEN

El artículo presenta las definiciones y comprensiones que el campo académico ha producido sobre el populismo, con el fin de destacar las diferenciaciones entre populismo de izquierda y de derecha — enfatizando las cuestiones relacionadas con este último — y señalar las articulaciones entre populismo y comunicación, debatidas en los últimos tiempos. Concluyendo el trabajo, se discute la necesidad de utilizar el marco expuesto de forma reflexiva y contextual, con observaciones sobre los casos de Donald Trump y Jair Bolsonaro.

PALABRAS CLAVE: *Populismo; Comunicación; Derecha; Trump; Bolsonaro.*

Submetido em 01 de março de 2023

Aceito em 31 de maio de 2023

Introdução

A afirmação de que o *populismo* é um termo *esquivo*, de difícil apreensão teórica, é um clichê nas discussões acadêmicas. Outras dificuldades podem ser acrescentadas a essa: ele agrupa manifestações políticas muito distintas, como o chavismo venezuelano, o regime de Órban na Hungria ou o partido espanhol Podemos, e pode ser usado para estigmatizar adversários políticos ou afirmar a superioridade das elites sobre “as classes populares consideradas sempre inclinadas a se transformar em plebe governada por paixões mórbidas”, como nota Rosanvallon (2021, p. 1, tradução nossa). O autor chega a indagar se não seria melhor abandonar o termo, mas reflete que há duas razões que podem justificá-lo, inicialmente,

porque provou ser inescapável em sua própria confusão. Se ficou na boca de todos [...] é também porque respondeu, ao mesmo tempo vaga e urgentemente, à percebida necessidade de usar uma nova linguagem para descrever uma dimensão sem precedentes do ciclo político que se abriu na virada do século XXI; e que até agora não teve nenhum concorrente nessa função (Rosanvallon, 2021, p. 1-2, tradução nossa).

Esse ciclo político é também ambíguo: é interpretado por alguns a partir da forte expectativa social na revitalização do projeto democrático, enquanto outros alertam sobre suas tendências iliberais. De qualquer modo, a resiliência do termo *populismo* pode ser vista como um sinal de sua vitalidade e relevância (Moffitt, 2016).

O segundo ponto que pode justificar a reflexão e o uso do conceito de populismo é que o termo é hoje reivindicado por muito políticos, inclusive de esquerda — como o francês Jean-Luc Mélenchon e o britânico Jeremy Corbyn (Demata, 2020). Nesse sentido, Fraser (2019) e Mouffe (2020) discorrem sobre a necessidade de um “populismo de esquerda”, como meio para o “povo” confrontar as “oligarquias”. O populismo pode ser entendido, assim, como uma resposta a problemas atuais (Rosanvallon, 2021). Não por acaso, fala-se tanto num contemporâneo “*Zeitgeist* populista” (Mudde, 2004) quanto num “momento populista” (Mouffe, 2020).

Dito isso, o artigo tem como objetivos: 1) apresentar definições e entendimentos que o campo acadêmico tem produzido sobre o populismo, de modo a 2) evidenciar diferenciações entre o populismo de esquerda e o de direita, enfatizando questões relacionadas ao último e 3) apontar articulações entre o populismo e a comunicação. A estrutura do trabalho corresponde a esses objetivos, sendo elaborada, ainda, uma breve discussão final, na qual se destaca o aporte e

as limitações das ideias teóricas expostas para entender o populismo recente, ilustrando esse aspecto com algumas observações sobre Donald Trump e Jair Bolsonaro.

Na primeira parte, recorre-se a autores de estudos qualificados sobre o populismo que têm circulado na discussão acadêmica global sobre o tema, para elencar abordagens e caracterizações relevantes sobre ele. Não há a proposta de regressar à gênese histórica do conceito — que, numa tradição longínqua, pode ser localizado a partir da Grécia antiga, passa por Marat e a Revolução Francesa, e adquire contornos mais atuais no final do século XIX na Rússia e nos Estados Unidos (EUA) (Pelinka, 2018) —, nem realizar revisão bibliográfica sobre a crescente, nos últimos anos, produção de estudos sobre o tema (Schwörer, 2021). Mas, ao elencarmos dimensões relevantes do conceito, será estabelecida uma base para diferenciar o populismo de esquerda e o de direita, útil ainda na discussão de algumas das articulações entre o *populismo* e a *comunicação*.

1. Entendimentos sobre o populismo

É importante destacar dois pontos principais nesta discussão. Primeiro, a compreensão e a classificação do populismo variam de acordo com a posição e interesses do analista. Norris (2020), a partir da ciência política, identifica três perspectivas sobre o tema: o populismo como *ideologia*, *conjunto de ideias* e *retórica*. Por outro lado, pesquisadores da comunicação, como Engesser *et al.* (2017) e Krämer (2020), apresentam três e quatro abordagens, respectivamente: *ideologia*, *discurso* (apenas o último autor), *estilo* e *estratégia*. Enquanto os estudos de comunicação enfatizam o aspecto comunicativo do populismo, principalmente nos três últimos enfoques, muitas vezes a literatura em ciência política e sociologia negligencia ou aborda a dimensão comunicativa de forma muito abstrata (Krämer, 2020).

Em segundo lugar, essas abordagens não são mutuamente exclusivas e podem se inter-relacionar. Na prática, as diferentes análises e definições do populismo podem colaborar no estudo de casos empíricos. A Tabela 1 apresenta uma síntese das abordagens e características das definições, combinando *retórica* e *discurso*, devido à similaridade nas discussões dos autores citados.

Tabela 1 – Abordagens e características de suas definições a respeito do populismo

Ideologia	Conjunto de ideias	Retórica/Discurso	Estilo	Estratégia
Povo-centrismo Antagonismo: <i>povo</i> versus <i>elites</i> Política como expressão da vontade geral	Antielitismo Soberania popular Homogeneidade do povo	Elaboração discursiva do <i>povo</i> e de seu <i>inimigo</i>	Simplificação, emocionalidade e negatividade	Poder, legitimidade e mobilização

Fonte: Elaboração dos autores, a partir de Norris (2020), Engesser *et al.* (2017) e Krämer (2020).

As definições dos estudiosos sobre o populismo, apesar de diferenciações, são semelhantes. Desse modo, o populismo como *ideologia* é visto como uma orientação política distinta que elabora interpretações do mundo e oferece diretrizes de ação, assim como o socialismo e o liberalismo. Há consenso entre os pesquisadores de que a noção de *povo* é central no populismo. Uma definição influente é a de Mudde (2004, p. 543, tradução nossa, grifo do autor), considerando-o uma “*ideologia que considera a sociedade, em última instância, separada em dois grupos homogêneos e antagonistas, ‘o povo puro’ versus ‘a elite corrupta’ e que defende que a política deve ser uma expressão da volonté générale (vontade geral) do povo*”.

A principal crítica a essa abordagem é de que falta ao populismo um núcleo doutrinário e teórico, assim como diretrizes de ação. Ele seria mais responsável por estratégias e comportamentos do que possuidor de um programa coerente (Pelinka, 2013). Por isso, alguns autores nuançam essa perspectiva, falando numa “ideologia enxuta” (*thin ideology*). Para Mudde e Rovira Kaltwasser (2017), o populismo seria, por isso, uma ideologia *porosa*, capaz de incorporar e se adaptar a outras, para obter conteúdo mais substancial. Esses autores refinam a definição anterior de Mudde (2004), identificando o “povo”, a “elite” e a “vontade geral” como os conceitos centrais do populismo. O “povo” pode ser identificado como o “líder supremo”, como o “povo comum” ou como a “nação”. Já a “elite”, aos grupos com algum tipo de poder.

Krämer (2020) apresenta visão semelhante do populismo como uma ideologia, que combina elementos de antielitismo, povo-centrismo ou soberania popular, homogeneidade do povo, com exclusão das pessoas percebidas como não pertencentes a ele. Aspectos desse tipo, para Norris (2020), conformariam mais um conjunto de ideias, num enfoque *ideacional* sobre o

populismo, do que uma ideologia em sentido estrito. Há proximidade entre o enfoque ideológico e esse que a autora chama de ideacional, no entanto, essa distinção destaca o teor minimalista do populismo, que teria como dimensão central a visão maniqueísta sobre a política, vista como uma luta entre a vontade popular e as elites corruptas. O ponto fraco dessa abordagem é que outras ideologias políticas também adotam posições dualistas, como Estado/livre mercado no liberalismo ou burguesia/proletariado no marxismo. Também questionável é a unidade, suposta por essa perspectiva, entre ideias e ação, pois nem sempre os motes de campanha *antiestablishment* e pró-povo têm desdobramento prático.

De qualquer modo, a abordagem ideológica e a ideacional servem para avaliar tipos de populismo. “Uma lista clara e predefinida de elementos ideológicos torna o populismo fácil de mensurar de forma confiável e comparável por meio de pesquisas e análises de conteúdo” (Krämer, 2020, p. 12, tradução nossa). Por isso, essas perspectivas são comuns na análise de programas partidários, discursos de lideranças políticas e de coberturas da mídia.

O populismo como forma “retórica”, nos termos de Norris (2020), se associa ao “discurso” em Krämer (2020). Ambos os autores relacionam essa perspectiva à reflexão de Laclau (2013), que compreende o populismo como uma “lógica política” transversal, utilizada por atores de direita e de esquerda. A característica central dessa lógica é dar forma discursiva a uma identidade política — o “povo” —, a partir de diferentes formas de articulação. O povo mobilizado pelos discursos populistas “nunca é um dado primário, mas uma construção — o discurso populista não *expressa* simplesmente algum tipo de identidade popular original; na verdade a *constitui*” (Laclau, 2005, p. 48, tradução nossa, grifos do autor).

De acordo com Laclau (2013), a constituição da identidade do povo é realizada quando uma “cadeia de equivalência” é construída a partir de um conjunto de demandas. Uma delas, então, atua como “significante vazio”, condensando as demais e sendo “preenchida” diferencialmente pelos indivíduos. O slogan da campanha presidencial de Trump, “*Make America Great Again*”, é um exemplo de significante vazio, ao sintetizar apelos por mudança que podiam ser lidos de formas variadas (Macaulay, 2019).

Enfim, numa abordagem retórica — nos termos de Laclau, uma “lógica” — do político populista, este recorre a um apelo ao *povo* como a totalidade da comunidade política elaborada

discursivamente. O populismo é, assim, percebido como uma atuação dramática — sem necessariamente ter conexões com a prática, uma vez que a retórica é, por definição, uma forma de comunicação, um discurso que visa alcançar o convencimento de seu público.

A abordagem retórica, na proposta de Norris (2020), está preocupada com a construção e o estilo dos argumentos, sendo que estes utilizam ideias como a de que a política é uma disputa moral entre bons (o povo) e maus (as elites). Nesse sentido, a abordagem discursiva ou retórica também se aproxima da perspectiva do *estilo*. A abordagem estilística, inclusive, pode também correr o risco de sobrevalorizar a forma e a manifestação de políticas, em contraste com sua implementação, conforme Krämer (2020). Para esse autor, a diluição de fronteiras entre retórica e estilo é comum quando há a adoção de uma ideia mais abstrata relacionada ao segundo termo, como uma lógica ou prática política geral.

Entretanto, Engesser *et al.* (2017) estabelecem distinção a respeito da abordagem estilística, notando que é possível entender o antagonismo como uma característica populista, mas “é uma decisão estilística apresentar esse antagonismo de maneira simples ou elaborada, em um tom racional ou emocional, ou em uma luz positiva ou negativa” (Engesser *et al.*, 2017, p. 1285, tradução nossa). De modo similar, Moffitt (2016) destaca que as abordagens discursivas se concentram no *conteúdo*, deixando de lado como ele é apresentado, com certas características performativas ou de transmissão, mas que a abordagem estilística é sensível a isso.

Engesser *et al.* (2017) discutem características estilísticas apontadas pela literatura a respeito do populismo, como a simplificação, a emocionalidade, a negatividade, a dramatização, a polarização, o moralismo, a linguagem coloquial e vulgar. Destacando as três primeiras, notam que os populistas reduzem a complexidade dos problemas e tendem a retratar a realidade de forma simplista (*simplificação*). Eles também enfatizam as emoções, em particular as negativas (raiva, medo e ressentimento) dirigidas às elites e positivas, projetadas no líder (*emocionalidade*). O populismo tende a afirmar que o mundo está em estado de *crise*, observando que as elites e os *outros* são ameaças (*negatividade*).

A quarta abordagem comum sobre o populismo o vê como uma *estratégia* oportunista, pela qual uma liderança personalizada busca apoio popular. O populismo é visto, assim, como um meio para um fim, não sendo definido pelos valores do ator político, mas pela relação

estabelecida com seus seguidores (Moffitt, 2016). Os objetivos que levam partidos e políticos a usarem o populismo como estratégia estão ligados a três motivações: “poder” (conquista de cargos e mandatos), “legitimidade” (exercício de funções políticas), o que explica a continuidade de práticas populistas depois que se atinge o poder, e “mobilização” (para eleições e plebiscitos) (Engesser *et al.*, 2017).

Para Engesser *et al.* (2017), a variedade de definições sobre o populismo se relaciona a ênfases analíticas em diferentes aspectos dele. De modo que os investigadores que adotam o enfoque *ideológico* se interessam mais pelo conteúdo que é comunicado (o quê), os que se voltam ao *estilo* destacam a *forma* da comunicação (como), e a abordagem voltada à *estratégia* refere-se a ele como meio para um fim, destacando os *motivos e objetivos* da comunicação (por quê?). Sob todas essas abordagens existe ainda a preocupação com o emissor (quem) da mensagem populista. Essas abordagens — como já se observou antes —, não se excluem mutuamente, sendo que, por vezes, como no caso da retórica/discurso e do estilo, se inter-relacionam de maneira orgânica.

A vagueza e a imprecisão do conceito de populismo, para Laclau, não deve ser vista como resultado de “subdesenvolvimento ideológico ou teórico” (Laclau, 2013, p. 155-156, tradução nossa), mas como expressão da tentativa populista de unificar o povo, a partir de um espaço social radicalmente heterogêneo. As características das diferentes abordagens sobre o populismo vistas aqui fornecem subsídios para compreender como se dá essa tentativa de unificação, bem como identificar formas de populismo e diferenciá-las.

2. Populismo de direita

Para Gerbaudo (2015) e Pelinka (2013), o ponto mais importante para caracterizar o populismo como regressivo ou progressista é a forma como o “outro” do “povo” é construído. O populismo de direita com frequência nomeia como tal os migrantes ou minorias étnicas e adota demarcadores étnicos, nacionais ou religiosos, enquanto o progressista faz isso com as elites econômicas e políticos corruptos. O primeiro tende a ser “excludente”, ao definir o “povo puro e verdadeiro”, enquanto o outro é “includente”, podendo incorporar grupos minoritários, como

mostra a análise comparada entre o colombiano Gustavo Petro e o brasileiro Jair Bolsonaro (Larsson Niemi, 2022). A diferenciação entre populismo “excludente” e “includente”, proposta por Mudde e Rovira Kaltwasser (2013), observara que o primeiro seria dominante na Europa e o segundo, na América Latina, mas o exemplo mostra que não é sempre assim — e esse entendimento pode ser associado ao “imperialismo intelectual” (Hunt, 2023), aspecto explicado na discussão final deste artigo. Também se observa que a transnacionalidade e o internacionalismo predominam nos populismos de esquerda (Wodak, 2020).

Alguns partidos contemporâneos mesclam elementos populistas de esquerda e direita, como o peronismo argentino (Pereira, 2023), no passado. Um exemplo atual é o italiano Movimento Cinco Estrelas, cuja plataforma antissistema combina posicionamentos de centro-esquerda em termos econômicos com visões excludentes quanto à definição do “povo”, como em seu combate à imigração (Mosca; Tronconi, 2019). O critério das fronteiras entre o “nós” e o “outro” situa um partido ou político populista à direita — embora nem sempre à “extrema direita”, termo cuja definição é também complexa. Mudde (2000) catalogou, no final dos anos de 1990, mais de 26 definições diferentes para se referir a esse tipo de extremismo. Alguns dos termos mais utilizados, por vezes de modo intercambiável, são: “direita radical”, “extremismo de direita”, “neofascismo”, “populismo radical de direita”, “populismo autoritário” e “direita autoritária”. Por vezes, alguns desses termos se sobrepõem e são usados de modo similar.

A distinção do populismo de extrema direita e do fascismo, por sua vez, depende da análise de cada caso, de partido ou movimento específico. Há afinidades, como a tendência de ambos combinarem teorias de conspiração com bodes expiatórios (Rupert, 1997), preferirem lideranças carismáticas e idealizarem o passado. Essa última característica remete a outra associação entre populismo e fascismo, bastante contemporânea e ambígua: a mediação do Tradicionalismo entre esses dois conceitos/movimentos em certos contextos.

Definido na clássica obra de Sedgwick (2004) como um movimento inspirado por autores como René Guénon (1886-1951), que propunha um diagnóstico de profunda crise no Ocidente derivada da perda de uma suposta “tradição”, o Tradicionalismo teve, no passado, relações com o fascismo. Hoje, como discute Teitelbaum (2020), o movimento busca influenciar parte da direita populista por meio de ideólogos como Steve Bannon, no caso de Trump, e Olavo de

Carvalho (1947-2022), em relação a Bolsonaro. Vários autores notam que os tradicionalistas privilegiam a “guerra cultural”, que chamam de metapolítica, ou seja, a estratégia de ativismo por meio da cultura para impulsionar sua agenda, e isso é notável no caso dos dois ex-presidentes mencionados. Por outro lado, como se discutirá ao fim deste artigo, são necessárias pesquisas para esclarecer com maior precisão o papel do Tradicionalismo na ideologia e na prática desses políticos.

Voltando à discussão sobre o fascismo e o populismo, para Finchelstein (2017), o populismo contemporâneo, em sua versão extremista, pode ser visto como um fascismo que se adaptou ao ambiente democrático. Fuchs (2018) argumenta que, embora existam afinidades entre formas de capitalismo autoritário — com a qual os populistas de extrema direita tendem a se alinhar — e o fascismo, no primeiro o Estado de direito e a democracia mantêm-se intactos, enquanto no segundo são abolidos. Desse modo, os partidos de extrema direita hoje apresentam alternativas a certas políticas, como imigração, segurança e emprego, mas não ao sistema como um todo (Pelinka, 2013). Assim, conforme Kitschelt (2006), a extrema direita atual possui uma agenda diferente da fascista tradicional, podendo afirmar apoio aos direitos humanos, além de lhe faltar, muitas vezes, um movimento de base mais organizado, ou mesmo de teor paramilitar. Possui, em vez disso, uma estrutura de apoiadores mais volátil e fluida, aproveitando os recursos digitais. Wodak (2020) concorda com a ideia de que só podem ser chamados de fascistas os partidos populistas que reivindicam heranças do nazismo e do fascismo, inclusive a violência física.

O termo “populismo autoritário” pode à primeira vista soar contraditório, já que o antielitismo populista parece contradizer a dimensão de obediência. No entanto, como observam Engesser *et al.* (2020), esse conflito se dissolve quando se nota que os populistas defendem que aqueles que são legitimados pelo povo assumam o controle. Desse modo, os adeptos do populismo, “defendem a obediência ao governo do povo e a líderes fortes e carismáticos” (Engesser *et al.*, 2020, p. 61-62, tradução nossa). Ainda assim, o termo não está ligado necessariamente ao fascismo, embora autores que o utilizem, como Morelock e Narita (2021), tenham como referência a Escola de Frankfurt e a noção de “personalidade autoritária”.

O populismo autoritário, segundo Norris e Inglehart (2019), é uma forma política que enfatiza o conservadorismo social, a ordem, as tradições comuns, a deferência a líderes fortes e a estabilidade. Eles argumentam que essa forma de populismo surge como reação à mudança de valores culturais, que é expressa na contemporaneidade pelo populismo dessa linhagem. Embora alguns autores como Fuchs (2018) critiquem o viés excessivamente culturalista dessa hipótese, é evidente que os populistas tendem a criticar mudanças nos comportamentos sociais, como a aceitação do casamento entre pessoas do mesmo sexo e o aborto, enquanto defendem tradições.

Outra linhagem de reflexão sobre o populismo autoritário foi inaugurada por Hall (1979), no ensaio *The Great Moving Right Show*, que utiliza essa noção para caracterizar a então nascente nova direita no Reino Unido, da qual Thatcher emergia como líder. O autoritarismo populista representaria “um enfraquecimento marcante das formas e iniciativas democráticas, mas não sua suspensão” (Hall, 1979, p. 15, tradução nossa), por isso seu distanciamento do fascismo. Alguns veem semelhanças entre essa análise pioneira e o fenômeno do trumpismo nos Estados Unidos, especialmente no sentido de que, em ambos os casos, houve empenho em desacreditar a política centrista (Coates, 2021).

Ainda que sem necessária conexão direta com o fascismo, a atração entre populismo e extrema direita é notável e o sucesso da direita radical contemporânea pode ser atribuído à sua habilidade em ter se tornado populista (Pelinka, 2013). Mais ainda: é possível falar numa “despudorada normalização do populismo de extrema direita” (*shameless normalization of far-right populism*), conforme o subtítulo da nova edição do seminal trabalho de Wodak (2020).

Essa obra merece detalhamento, por ser uma das mais sérias tentativas de esclarecer a natureza do populismo de extrema direita. O título original do livro era *The Politics of Fear: What Ring-Wing Populist Discourses Mean*; no entanto, a realidade demandou que a discussão fosse atualizada. Desse modo, como a discute a autora, embora a ideia central de que o populismo de direita elabora e se aproveita de uma “política do medo” tenha se mantido, agora, o extremismo se tornou parte da corrente principal da política na Europa e além.

A normalização das práticas e do discurso da extrema direita populista provocou uma mudança significativa no campo dos debates e na implementação de políticas. O surgimento de

novos medos — episódios como o Brexit, a disseminação das *fake news* e ataques terroristas na Europa emblemizam o fenômeno — acentuou as preocupações sociais e o medo, explorados pelos partidos de extrema direita. Esses partidos, obcecados pela ideia de segurança, buscam se legitimar, explorando o medo e enfatizando situações de crise (Mudde, 2019). Embora a edição original do livro de Wodak (2020) se concentrasse principalmente na Europa, a dispersão do populismo de extrema direita pelo mundo, com figuras como Trump e Bolsonaro, agora também recebe atenção, embora de forma menos aprofundada e mais o primeiro do que o segundo.

O trabalho mantém a ênfase na interdependência dialética, complexa e imprevisível, entre discurso, sociedade, mídia, comunicação e implementação de políticas. Essa preocupação com a multidimensionalidade do fenômeno leva à tentativa de apreendê-lo a partir do estudo das manifestações discursivas do populismo de direita radical, num nível micropolítico, analisando entrevistas, postagens, cartuns, entre outros materiais em que a ideologia pode ser percebida. No entanto, apesar do destaque à dimensão discursiva do populismo, ao defender que a propaganda sempre combina e integra forma e conteúdo e que se dirige a públicos e contextos específicos, o estudo procura desconstruir, entender e explicar os elementos da ideologia transmitidos e que estão, junto com o estilo adotado, ligados ao sucesso eleitoral dos populistas de extrema direita.

Nessa perspectiva, Wodak (2020) desenvolve e sumariza um conjunto de nove características dos partidos populistas de extrema direita, que, embora tenham sido elaboradas a partir da análise de partidos europeus, podem ser generalizadas — com adaptações, por vezes — para movimentos e políticos dessa tendência em outros contextos. Os pontos indicados são os seguintes:

- 1) Reivindicação de representar “o povo”, com retórica de exclusão, revisionismo histórico e lógica de “nós” contra “eles”;
- 2) Emprego de ampla gama de ideologias e construção de um imaginário político próprio;
- 3) Criação de novas divisões sociais que extrapolam a tradicional direita/esquerda, a partir do medo da globalização e do fracasso dos partidos tradicionais em resolver problemas urgentes;

4) Amplo uso de “performances estratégicas” características das modernas democracias de mídia, com utilização intensa da mídia tradicional e também da social, que permite criar esferas públicas próprias;

5) Lideranças treinadas, como personalidades da mídia, e que empregam técnicas de performance de palco ligadas à cultura das celebridades, oscilando em se autorrepresentar como defensores das pessoas comuns e ídolos aspiracionais;

6) Ênfase em líderes carismáticos que personalizam e mercantilizam a política em partidos com forte estrutura hierárquica;

7) Anti-intelectualismo e negacionismo científico, apelo ao senso comum e a valores conservadores tradicionais, com retórica agressiva e excludente, utilizando provocações, vistas pelos apoiadores como marca de “autenticidade”;

8) Valorização de papéis sociais tradicionais, com sentido conservador, como a mulher como “mãe”, e

9) Indiferenciação atual entre o estilo e a retórica populista quando na oposição ou em campanha e no governo, o que é um indício da normalização dos conteúdos e estilos da extrema direita.

Várias características desse enquadramento são encontradas em formas comuns do populismo, no entanto, possuem elementos de radicalização. O amplo escopo da descrição remete à ideia de que, para compreender as concretizações específicas do populismo, é necessário examinar os aspectos sociais, culturais e políticos mobilizados pelos atores políticos. Desse modo, a caracterização de Wodak (2020) compreende dimensões *ideológicas* e das *ideias* (perceptíveis nos pontos 1, 2, 3, 7 e 8), da *retórica* e do *discurso* (em 1, 3, 8 e 9, por exemplo), *estilo* (4, 5, 7 e 9) e *estratégia* (quase transversal a todas, mas bastante clara em 4 e 9) do populismo de direita. Ao mesmo tempo, essa proposta enfoca especificidades no modo de se comunicar da extrema direita populista, como destacam os pontos 4 e 5. Como se discute a seguir, a comunicação pode ser vista como fundamental ao populismo — de direita ou de esquerda — no mundo contemporâneo.

3. Populismo e comunicação

Dossiê **Crises da democracia e desinformação: diagnósticos do tempo presente**

<https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 26, n. 1, 2023

DOI: 10.29146/eco-ps.v26i01.28016

A importância acadêmica da comunicação no populismo se deve, em parte, ao caráter consensual da existência de uma comunicação populista. “Independentemente do fato de o populismo ser considerado uma ideologia, os estudiosos não questionam o fato de que os elementos comunicativos populistas existem e são parte dos discursos dos atores” (Schwörer, 2021, p. 15, tradução nossa). Estudos comunicacionais também podem abordar aspectos ideológicos, na verdade: Stanyer *et al.* (2016) notam que a investigação em comunicação política relacionada ao populismo pode ser dividida em duas abordagens, uma centrada *nos atores* (ideológica) e outra *na comunicação*, com características indicadas na Tabela 2.

Tabela 2 – Duas abordagens de estudo da comunicação política populista

	Abordagem centrada no ator	Abordagem centrada na comunicação
Ponto inicial da análise	Identificando as características de atores políticos populistas	Identificando as características da comunicação política populista
Foco principal	Atores definidos como populistas	Comunicação definida como populista
Objeto empírico de estudo	Atores definidos como populistas	Todos os atores políticos relevantes
Perspectiva sobre o populismo	Populismo uma ideologia “robusta” (<i>thick</i>) desacoplada de como atores políticos comunicam	Populismo uma ideologia “enxuta” (<i>thin</i>) determinada por como os atores políticos comunicam

Fonte: Stanyer *et al.* (2016, p. 354).

Na abordagem ator-centrada, já de início, os pesquisadores identificam quem são os atores políticos populistas e depois investigam os fatores que podem explicar sua influência, bem como suas táticas e estilos de comunicação. Jacobs e Spierings (2019), por exemplo, selecionam partidos dos Países Baixos previamente entendidos como populistas e verificam se eles têm práticas de uso do *Twitter* diferentes de partidos não populistas. Já a abordagem centrada na comunicação desenvolve inicialmente as características da comunicação política populista e examina como diferentes atores políticos empregam estratégias desse tipo. Na primeira abordagem, o populismo é visto como uma ideologia, em princípio não associada à forma de comunicação dos políticos, enquanto a segunda compreende o populismo como um estilo de

comunicação particular. Em outro estudo, iniciado com a identificação de partidos como populistas ou não, Jacobs *et al.* (2020) observam que as duas abordagens não são excludentes, pois se referem ao mesmo núcleo de ideias, sendo possível combinar os dois enfoques em uma pesquisa.

A importância da comunicação e das abordagens relacionadas a ela no populismo se deve, em parte, ao papel central da mídia na política contemporânea, conforme Benjamin Moffitt (2016), em acordo, aliás, com a discussão de Ruth Wodak (2020). Para o autor, isso ocorre por três aspectos. Em primeiro lugar, os políticos populistas têm conseguido se aproveitar das mutações do ambiente midiático, utilizando de maneira eficaz aspectos da lógica da mídia.

A chamada “midiatização da comunicação política” (Pajnik; Meret, 2018) está nesse contexto e merece detalhamento. Ela tem sido definida como um processo ou metaproceto histórico e social — como a industrialização e a globalização — pelo qual diferentes esferas da vida passam a ser cada vez mais dependentes da mídia ou de sua lógica (Hjarvard, 2008). O termo “lógica da mídia” — ou “lógicas”, como alguns autores preferem, para enfatizar a coexistência de diferentes padrões nos meios de comunicação — é usado para compreender os conteúdos e formatos privilegiados pela mídia na conquista de audiência e anunciantes. Há uma série de aspectos dessa lógica — como a simplificação, a personalização, a estereotipização, a emocionalização, a valorização do conflito e do escândalo — que encontram ressonância em formas de expressão populistas, conforme discute Moffitt (2016).

A transformação da mídia tornou a noção de *profissionalismo* — isto é, uma concepção de prática profissional autônoma dos jornalistas, que teriam legitimidade para decidir o que é importante — menos relevante, com a adoção de estratégias de audiência de nicho, para seguir o que se acredita ser o gosto desse público fragmentado (Nadler, 2019). Assim, meios tradicionais de comunicação passaram a recompensar as narrativas que desencadeiam emoções, a partir de técnicas narrativas sensacionalistas que oferecem um palco favorável aos discursos populistas (Nadler, 2019). Em alguns casos, os populistas podem até encenar eventos dramáticos para atrair a atenção da mídia noticiosa. Essa correspondência entre o panorama midiático e o populismo ajuda a explicar a ampla difusão atual dele.

O segundo ponto destacado por Moffitt (2016) nas relações entre mídia e populismo é que os populistas tendem a culpabilizar e, por vezes, tentam controlar a mídia tradicional. Como o controle dos grandes meios de comunicação é difícil, optam pela criação de oportunidades para que a cobertura os favoreça, a partir de atuações em que se tornam quase celebridades midiáticas — aspecto que, novamente, tem paralelo com a discussão de Wodak (2020). As lideranças populistas se encaixam bem nesse papel que supre a demanda jornalística pelo tratamento emocional e espetacular da realidade social (Mazzoleni, 2008).

Em terceiro lugar, a atual onipresente comunicação digital e a chamada mídia social oferece aos políticos, de todas as tendências, novas oportunidades de comunicação. No entanto, a literatura argumenta que, no caso dessa forma comunicacional, há uma “afinidade eletiva” (Gerbaudo, 2018) com o populismo. Engesser *et al.* (2017) descrevem, assim, sob o rótulo geral de “estrutura de oportunidades políticas on-line”, características pelas quais o populismo se adapta bem ao ambiente digital. Entre outras, o fato de que, como ideologia, a soberania popular do populismo pode ser encarada a partir do uso de um meio com grande potencial democratizador, como a internet. Esse aspecto é um dos pontos da discussão de Gerbaudo (2015) sobre a emergência do chamado “populismo 2.0”. Além desse termo, outros têm sido sugeridos, reforçando as conexões entre populismo e comunicação, como “tecnopopulismo” (Deseriis, 2017; De Blasio e Sorice, 2019), “ciberpopulismo” (Bruzzzone, 2021) e “populismo digital” (Del Lago, 2017; Cesarino, 2022). Por limitações de espaço, não é possível abordar as discussões envolvidas em tais propostas.

A centralidade do “povo” pode ser bem combinada a um ambiente comunicativo que favorece cidadãos não pertencentes à elite. Embora aspectos como a homofilia, as bolhas e câmaras de eco da internet possam prejudicar o debate democrático, têm utilidade para excluir os “outros”. As características da comunicação populista, como simplificação, emocionalização e negatividade, estão alinhadas à economia de atenção na internet, marcada ainda pela instantaneidade, imediatismo e viralidade. Essas formas são incorporadas em mensagens e estratégias populistas para aquisição de poder, garantia de legitimidade e mobilização de adeptos. Muitos líderes populistas notaram a possibilidade de usar canais personalizados de

comunicação on-line (Engesser *et al.*, 2017), nos quais agem simulando uma “autenticidade” próxima do ultraje e que confronta normas tradicionais de comportamento (Jutel, 2013).

Ainda que a mídia digital também possa ser utilizada para criticar e desacreditar os políticos populistas e que nem todos os atores dessa linhagem tenham se adaptado ao novo ambiente de mídia — o italiano Silvio Berlusconi é um exemplo —, o resultado geral da emergência da mídia digital para o populismo tem sido bastante positivo (Moffitt, 2016).

Concluindo essa discussão sobre o populismo e sua relação com a comunicação, é possível notar que a observação, feita há vinte anos por Mazzoleni (2003), sobre o pleno entendimento do populismo depender do estudo das dinâmicas da mídia, talvez seja, hoje, ainda mais válida. De maneira complementar, a avaliação de Guazina (2019) sobre o momento atual destaca que as abordagens do populismo

centradas na comunicação possibilitam compreender os múltiplos atores e modos de operação da retórica e estilo populistas que se conjugam para a amplificação de valores e conteúdos autoritários. A combinação entre o populismo midiático da mídia *mainstream* e o *modus operandi* das plataformas digitais, que facilitam a desintermediação e a personalização digital da política como recursos acessíveis a lideranças populistas formam um poderoso arsenal técnico-político para a continuidade de projetos de poder de líderes de direita (Guazina, 2019, p. 63).

Considerações finais

O enquadramento mostrado é proveitoso, com cautelas, para o estudo do populismo atual. Compreender implica diferenciar, evitando generalizações e equivalências enganosas (Lynch; Cassimiro, 2022). Definições conceituais devem buscar precisão e objetividade, para escapar de perspectivas ideológicas. Hunt (2023) demonstra as vantagens dessa abordagem ao criticar o “imperialismo intelectual”, evidenciado na prática de acadêmicos dos países hegemônicos que ignoram ou usam seletivamente o conhecimento produzido na América Latina sobre o populismo. O objetivo é promover interpretações favoráveis à política externa dos Estados Unidos, com a negação do populismo de políticos de direita como os ex-presidentes do Peru, Alberto Fujimori, e da Colômbia, Álvaro Uribe. O que uma análise guiada por abordagem conceitual, entretanto, contradiz.

As precauções reflexivas necessárias nas apropriações teóricas voltadas ao populismo estão relacionadas a fatores como: 1) o ajuste das teorias – elaboradas em determinados contextos — a certo objeto de estudo, 2) o caráter complexo do populismo em suas concretizações atuais, sendo necessário ter em mente que caracterizar algum político ou movimento como populista é um ponto de partida, que não esgota as questões relevantes para entender o fenômeno; por fim, 3) o populismo contemporâneo é um movimento em processo, que pode se transformar, dependendo das circunstâncias. Algumas considerações sobre Trump e Bolsonaro ilustram esses pontos.

Assim, quanto ao aspecto inicial, grande parte da discussão teórica exposta aborda *partidos políticos* em regimes parlamentaristas, mas os políticos em questão foram líderes de governos presidencialistas, com relações *sui generis* com os partidos. Trump tomou de assalto o Partido Republicano ao longo das prévias para a presidência. O processo foi desgastante e alienou o apoio de lideranças do partido, dando origem ao movimento *Never Trump* (Saldin; Teles, 2020). No Brasil, Bolsonaro teve inserção marginal em partidos, antes de ser eleito presidente, e neste cargo passou a maior parte do mandato sem filiação. Costuma-se dizer que seu partido efetivo é o seu núcleo familiar (Romancini; Gennari, 2023). Enfim, esse é um exemplo de relativa incompatibilidade entre o contexto da teoria e os casos desses políticos. Dependendo do interesse de pesquisa, o ajuste poderá ser simples, como optar pela pesquisa empírica na comunicação de perfis digitais de líderes, e não de seus partidos, para entender suas marcas populistas.

Sobre a complexidade do populismo desses atores, a despeito de ter sido possível observar e descrever traços de todos os elementos arrolados por Wodak (2020) para definir o populismo de extrema direita neles em estudo prévio (Romancini, 2023), uma compreensão mais desenvolvida requer mais contextualização e aprofundamento. Um exemplo disso, em relação ao ex-presidente dos Estados Unidos, é dado por Sluga (2017), que nota que Trump teve, principalmente durante a campanha, uma “retórica populista”, mas que não teria sido acompanhada por uma “ação governamental” desse tipo. Ele cercou-se de indivíduos super-ricos para compor seu governo e deu continuidade às políticas tradicionais do Partido Republicano — como o corte de impostos para grandes empresas e pessoas ricas — que desfavorecem o homem

comum para o qual os discursos de campanha apelaram. Por isso, o autor afirma que Trump estabeleceu uma integração entre política e negócios, no que caracteriza um “regime plutocrata”.

Uma tentativa de refinar o entendimento do populismo em Bolsonaro é feita por Lynch e Cassimiro (2022), que argumentam que o ex-presidente brasileiro dá forma a um “populismo reacionário”, que se acopla ao neoliberalismo — aspecto destacado igualmente por Boito (2020). De acordo com Lynch e Cassimiro (2022), a dimensão reacionária do populismo bolsonarista está associada à busca do político e de seus apoiadores por restaurar uma ordem perdida, rompendo com a existente. Isso explicaria a idealização regressiva do regime autoritário de 1964, que supostamente teria sido capaz de combinar autoridade, hierarquia social e desenvolvimento econômico.

É notável que, enquanto o populismo trumpista foi beneficiado por profundas raízes na história dos EUA e em uma dimensão da cultura política do país mais nacionalista, isolacionista e preocupada com questões de imigração e raciais (Berlet; Lyons, 2000; Conley, 2020; Paulson, 2018), Bolsonaro criou um movimento desse tipo com bem menos suporte popular e partidário anterior. Ele foi o primeiro presidente eleito do recente ciclo democrático brasileiro explicitamente de direita (Abranches, 2019) a reivindicar, com orgulho, a herança da ditadura militar.

Nesse ponto, é conveniente, expondo dificuldades na caracterização e entendimento do populismo desses políticos, voltar ao Tradicionalismo. Trump e Bolsonaro são políticos capazes de estabelecer conexões com segmentos da população, líderes fortes e intuitivos, mas não homens que expressam seu pensamento ideológico com clareza. Durante seus mandatos, utilizaram linguagem tortuosa e práticas contraditórias a respeito de vários temas. Bolsonaro, por exemplo, durante sua campanha criticou duramente os parlamentares de partidos fisiológicos do chamado “centrão”, mas depois de eleito acolheu políticos desse grupo (Alvarenga, 2022). Quanto a Trump, a relação dele com segmentos extremistas de direita dos Estados Unidos foi muitas vezes ambígua. Os ideólogos de Trump e Bolsonaro em relação ao Tradicionalismo tiveram ação limitada: Steve Bannon foi demitido após apenas cerca de sete meses de governo, e os ministros olavistas de Bolsonaro foram pouco a pouco substituídos ao longo do mandato. Sobre Bannon, Sedgwick (2020) nota que ele chegou a ter influência no início

do governo Trump, por meio da destruição de forças da modernidade na forma do “estado administrativo”, nesse caso, o governo federal. “Infelizmente, do ponto de vista de Bannon (embora ele não diga exatamente isso), Trump também destruiu seu próprio governo e, portanto, a possibilidade de, realmente, realizar algo significativo” (Sedgwick, 2020, tradução nossa).

Wink (2021) utiliza o termo “bolsolavismo” para definir a simbiose entre as ideias de Olavo de Carvalho e o projeto político do ex-presidente brasileiro. “A principal função do bolsolavismo é a destruição da estrutura existente, um remédio amargo com alto potencial de matar o paciente, já que não são apresentados planos substanciais para substituí-lo, a não ser a improvisação autoritária” (Wink, 2021, p. 219, tradução nossa). Há afinidade entre o Tradicionalismo e a destruição de estruturas modernas no populismo contemporâneo, porém pode ser difícil entender quando os resultados ruinosos de determinada ação foram fruto de um projeto ou simplesmente de incompetência e, portanto, a real influência do primeiro movimento no segundo. A conturbada gestão da pandemia de covid-19, no caso dos dois ex-presidentes, é um exemplo significativo de ação desse tipo.

Finalmente, quanto ao caráter de movimento em processo de determinados populismos de direita atuais, basta recordar dos tumultos ocorridos em Washington, em 6 de janeiro de 2021, e em Brasília, em 8 de janeiro de 2023. Se esses casos tivessem tido desfecho favorável a Trump e a Bolsonaro, é provável que a forma política assumida por ambos se modificasse, assumindo contornos de um *pós-populismo neofascista*, dada a proximidade de ambos com o autoritarismo, como observa De la Torre (2022).

Talvez Trump não consiga repetir o duelo contra Joe Biden pela presidência em 2024, e Bolsonaro corre risco de ser declarado inelegível, frustrando pretensões eleitorais imediatas. Entretanto, apesar de todos os problemas políticos e de gestão que essas lideranças tiveram durante seus mandatos presidenciais, é significativo que tenham conseguido manter considerável suporte popular. Trump e Bolsonaro tiveram, nas eleições presidenciais em que buscaram a recondução e em que foram derrotados, número de votos absoluto maior do que nas em que foram vitoriosos. A resiliência e a influência deles, já que agora outros políticos procuram imitá-los, será provavelmente tema de futuras pesquisas. Assim, é possível que existam

desdobramentos e desenvolvimentos das fórmulas políticas populistas nas diferentes dimensões do conceito que essas lideranças desenvolvem.

Referências bibliográficas

ABRANCHES, S. Polarização radicalizada e ruptura eleitoral. In: ABRANCHES, S. *et al. Democracia em risco? 22 ensaios sobre o Brasil hoje*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p. 11-34.

ALVARENGA, L. Bolsonaro tem um mandato de contradições; veja o que mudou em seu discurso. *FDR*, s.l., 20 jun. 2022. Disponível em: <<https://bit.ly/43sZtLi>>. Acesso em: 15 maio 2023.

BERLET, C.; LYONS, M. N. *Right-wing populism in America: too close for comfort*. Nova Iorque: The Guilford Press, 2000.

BOITO, A. Neofascismo e neoliberalismo no Brasil do governo Bolsonaro. *Observatorio Latinoamericano y Caribeño*, Buenos Aires, v. 4, n. 2, p. 8-30, 2020.

BRUZZONE, A. *Ciberpopulismo: política e democracia no mundo digital*. São Paulo: Contexto, 2021.

CESARINO, L. *O mundo do avesso: verdade e política na era digital*. São Paulo: Ubu, 2022.

COATES, W. The language of authoritarian populism. *Los Angeles Review of Books*, Los Angeles, 1º nov. 2021. Disponível em: <<https://bit.ly/3c9uVsg>>. Acesso em: 12 fev. 2023.

CONLEY, R. S. *Donald Trump and American populism*. Edimburgo: Edinburgh University Press, 2020.

DE BLASIO, E.; SORICE, M. Technopopulism and direct representation. In: BLOKKER, P.; ANSELMINI, M. (Eds.). *Multiple Populisms. Italy as democracy's mirror*. Abingdon: Routledge, 2019. p. 127-147.

DE LA TORRE, C. Fascism and Populism. In: OSWALD, M. (Ed.). *The Palgrave handbook of Populism*. Cham: Palgrave Macmillan, 2022. p. 163-176.

DEL LAGO, A. *Populismo digitale. La crisi, la rete e la nuova destra*. Milão: Raffaello Cortina Editore, 2017.

DEMATA, M. Populism and nationalism in Jeremy Corbyn's discourse. In: KRANERT, M. (Ed.). *Discursive approaches to populism across disciplines: the return of populists and the people*. Cham: Palgrave Macmillan, 2020. p. 253-283.

DESERIIS, M. Technopopulism: the emergence of a discursive formation. *tripleC: Communication, Capitalism & Critique*, Paderborn, v. 15, n. 2, p. 441-458, 2017.

ENGESSER, S.; FAWZI, N.; LARSSON, A. Populist online communication: introduction to the special issue. *Information, Communication & Society*, Londres, v. 20, n. 9, p. 1279-1292, 2017.

ENGESSER, S.; ERNST, N.; BÜCHEL, F.; WETTSTEIN, M.; WIRZ, D. S.; SCHULZ, A.; MÜLLER, P.; SCHEMER, C.; WIRTH, W.; ESSER, F. Populist communication in the news media: the role of cultural and journalistic factors in ten democracies. In: KRÄMER, B.; HOLTZ-BACHA, C. (Eds.). *Perspectives on populism and media: avenues for research*. Baden-Baden: Nomos, 2020. p. 57-81.

FINCHELSTEIN, F. P. *From Fascism to Populism in history*. Oakland: University of California Press, 2017.

FRASER, N. *¡Contrahegemonía ya! Por un populismo progresista que enfrente al neoliberalismo*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2019.

FUCHS, C. *Digital demagogue: authoritarian capitalism in the age of Trump and Twitter*. Londres: Pluto Press, 2018.

GERBAUDO, P. Populism 2.0: social media activism, the generic Internet user and interactive direct democracy. In: TROTTIER, D.; FUCHS, C. (Eds.). *Social media, politics and the state: protests, revolutions, riots, crime and policing in the age of Facebook, Twitter and YouTube*. Abingdon: Routledge, 2015. p. 67-87.

GERBAUDO, P. Social media and populism: an elective affinity? *Media, Culture & Society*, Thousand Oaks, CA, v. 40, n. 5, p. 745-753, 2018.

GUAZINA, L. S. Populismos de direita e autoritarismos: apontamentos teóricos para estudos sobre a comunicação populista. *Mediapolis*, Coimbra, n. 12, p. 49-65, 2019.

HALL, S. The great moving right show. *Marxism Today*, Londres, p. 14-20, jan. 1979.

HJARVARD, S. The mediatization of society: a theory of the media as agents of social and cultural change. *Nordicom Review*, Gotemburgo, v. 29, n. 2, p. 105-134, 2008.

HUNT, S. L. Intellectual imperialism and selection bias in the study of populism. In: PEREIRA, A. W. (Ed.). *Right-wing Populism in Latin America and beyond*. Nova Iorque/Abingdon: Routledge, 2023. *E-book* (não paginado).

JACOBS, K.; SPIERINGS, N. A populist paradise? Examining populists' Twitter adoption and use. *Information, Communication & Society*, Londres, v. 22, n. 12, p. 1681-1696, 2019.

JACOBS, K.; SANDBERG, L.; SPIERINGS, N. Twitter and Facebook: Populists' double-barreled gun? *New Media & Society*, Thousand Oaks, CA, v. 22, n. 4, p. 611-633, 2020.

JUTEL, O. American populism and the new political economy of the media field. *The Political Economy of Communication*, s.l., v. 1, n. 1, p. 26-42, 2013.

KITSCHELT, H. Movement parties. In: KATZ, R. S.; CROTTY, W. (Eds.). *Handbook of party politics*. Thousand Oaks, CA: Sage, 2006. p. 278-290.

- KRÄMER, B. Introduction: populism and the media – a matter of perspective. In: KRÄMER, B.; HOLTZ-BACHA, C. (Eds.). *Perspectives on populism and media: avenues for research*. Baden-Baden: Nomos, 2020. p. 7-38.
- LACLAU, E. Populism: what's in a name? In: PANIZZA, F. (Ed.). *Populism and the mirror of democracy*. Londres: Verso, 2005. p. 32-49.
- LACLAU, E. *A razão populista*. São Paulo: Três Estrelas, 2013.
- LARSSON NIEMI, K. *Populism, a threat to democracy?: a qualitative study on inclusionary and exclusionary populism*. 2022. 33 p. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Ciência Política) – Department of Government, Uppsala University, 2022.
- LYNCH, C.; CASSIMIRO, P. H. *O populismo reacionário: ascensão e legado do bolsonarismo*. São Paulo: Contracorrente, 2022.
- MACAULAY, M. A short introduction to populism. In: MACAULAY, M. (Ed.). *Populist discourse: international perspectives*. Cham: Palgrave Macmillan, 2019. p. 1-26.
- MAZZOLENI, G. The media and the growth of neo-populism in contemporary democracies. In: MAZZOLENI, G.; STEWART, J.; HORSFIELD, B. (Eds.). *The media and neo-populism: a contemporary comparative analysis* (pp. 1-20). Westport, CT: Praeger, 2003. p. 1-20.
- MAZZOLENI, G. Populism and the media. In: ALBERTAZZI, D.; MCDONNELL, D. (Orgs.). *Twenty-first century populism*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2008. p. 49-64.
- MOFFITT, B. *The global rise of populism: performance, political style, and representation*. Stanford, CA: Stanford University Press, 2016.
- MORELOCK, J.; NARITA, F. Z. A dialectical constellation of authoritarian populism in the United States and Brazil. In: MORELOCK, J. (Ed.). *How to critique authoritarian populism: methodologies of the Frankfurt School*. Leiden: Brill, 2021. p. 85-107.
- MOSCA, L.; TRONCONI, F. Beyond left and right: the eclectic populism of the Five Star Movement. *West European Politics*, Abingdon, v. 42, n. 6, p. 1258-1283, 2019.
- MOUFFE, C. *Por um populismo de esquerda*. São Paulo: Autonomia Literária, 2020.
- MUDDE, C. *The far right today*. Cambridge: Polity, 2019.
- MUDDE, C. The populist zeitgeist. *Government and Opposition*, Cambridge, v. 39, n. 4, p. 541-563, 2004.
- MUDDE, C. *The ideology of the extreme right*. Manchester: Manchester University Press, 2000.
- MUDDE, C.; ROVIRA KALTWASSER, C. Exclusionary vs. inclusionary populism: comparing contemporary Europe and Latin America. *Government and Opposition*, Cambridge, v. 48, n. 2, p. 147-174, 2013.

- MUDDE, C.; ROVIRA KALTWASSER, C. *Populism: a very short introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2017.
- NADLER, A. Populist communication and media environments. *Sociology Compass*, Hoboken, NJ, v. 13, n. 8, e12718, 2019.
- NORRIS, P. Measuring populism worldwide. *Party Politics*, Thousand Oaks, CA, v. 26, n. 6, p. 697-717, 2020.
- NORRIS, P.; INGLEHART, R. *Cultural backlash: Trump, Brexit and authoritarian populism*. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.
- PAJNIK, M.; MERET, B. *Populism and the web: communicative practices of parties and movements in Europe*. Abingdon: Routledge, 2018.
- PAULSON, A. *Donald Trump and the prospect for American democracy: an unprecedented president in an age of polarization*. Lanham, MA: Lexington Books, 2018.
- PELINKA, A. Right-wing populism: concept and typology. In: WODAK, R.; KHOSRAVINIK, M.; MRAL, B. (Eds.). *Right-wing populism in Europe: politics and discourse*. Londres: Bloomsbury Academic, 2013. p. 3-22.
- PELINKA, A. Identity politics, populism, and the far right. In: WODAK, R.; FORCHTNER, B. (Eds.). *The Routledge handbook of language and politics*. Abingdon: Routledge, 2018. p. 618-629.
- PEREIRA, A. W. Introduction. In: PEREIRA, A. W. (Ed.). *Right-wing Populism in Latin America and beyond*. Nova Iorque/Abingdon: Routledge, 2023. E-book (não paginado).
- ROMANCINI, R. Trump and Bolsonaro: influence, contagion or populist Zeitgeist? In: CUNHA, I. F.; GUAZINA, L.; CABRERA, A.; MARTINS, C. (Orgs.). *Media, Populism and Corruption*. Lisboa: ICNOVA, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa, 2023. p. 37-53.
- ROMANCINI, R.; GENNARI, A. J. de P. Trump e Bolsonaro: trajetórias, contexto e mídia. *ECCOM*, v. 14, n. 27, p. 464-489, jan./jun. 2023. Disponível em: <<https://bit.ly/3WASzB9>>. Acesso em: 15 maio 2023.
- ROSANVALLON, P. *The populist century: history, theory, critique*. Cambridge: Polity, 2021.
- RUPERT, M. The Patriot Movement and the roots of fascism. In: NAN, S. A.; BASHIR-ELAH, D.; DOCHERTY, J.; FAST, L.; HARRIS, R.; HOBART, K.; MCFARLAND, D.; RAST, V.; SHAPIRO, I. (Eds.). *Windows to conflict analysis and resolution: framing our field*. Fairfax, VA: Institute for Conflict Analysis and Resolution, 1997. p. 81-101.
- SALDIN, R. O.; TELES, S. M. *Never Trump: the revolt of the conservative elites*. Oxford: Oxford University Press, 2020.
- SCHWÖRER, J. *The growth of populism in the political mainstream: the contagion effect of populist messages on mainstream parties' communication*. Cham: Springer, 2021.

SEDGWICK, M. *Against the modern world: Traditionalism and the secret intellectual history of the twentieth century*. Oxford: Oxford University Press, 2004.

SEDGWICK, M. Bannon, Traditionalism, Dugin, and Olavo. *Blog Traditionalists*, s.l., 21 abr. 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/42bIsEm>>. Acesso em: 15 maio 2023.

SLUGA, H. Donald Trump: between populist rhetoric and plutocratic rule. *Critical Theory Symposium on the Aftermath of the Election of Donald Trump*. University of California, Berkeley, mar. 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/3lhSYtF>>. Acesso em 12 fev. 2023.

STANYER, J.; SALGADO, S.; STRÖMBÄCK, J. Populist actors as communicators or political actors as populist communicators. Cross-national findings and perspectives. In: AALBERG, T.; ESSER, F.; REINEMANN, C. STRÖMBÄCK, J.; DE VREESE, C. H. (Eds.). *Populist political communication in Europe*. Abingdon: Routledge, 2016. p. 353-364.

TEITELBAUM, B. R. *Guerra pela eternidade: o retorno do Tradicionalismo e a ascensão da direita populista*. Campinas: Ed. Unicamp, 2020.

WINK, G. *Brazil, land of the past: the ideological roots of the new right*. Cuernavaca: Bibliotopía, 2021.

WODAK, R. *The politics of fear: the shameless normalization of far-right discourse*. 2ª ed. Thousand Oaks, CA: Sage, 2020.

Richard Romancini - Universidade de São Paulo – USP

Professor do Departamento de Comunicações e Artes (CCA) da Escola de Comunicações e Artes (ECA) e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de São Paulo (PPGCOM-USP). Doutor em Comunicação pelo PPGCOM-USP. Desenvolve e orienta, nos últimos anos, trabalhos sobre movimentos sociais, comunicação política, e comunicação e educação. Email: richardromancini@usp.br

Ana Júlia Gennari - Universidade de São Paulo – USP

Jornalista formada pela Faculdade Cásper Líbero (FCL) e mestre em Ciências da Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de São Paulo (PPGCOM-USP). Atua e pesquisa nas áreas dos direitos humanos, movimentos sociais, cultura e educação. Email: anajuliagennari@gmail.com